

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus
universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação
futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4^o milénio aos finais do 3^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^ª. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interação: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação
de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/
Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo
de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua
das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua
dos Correiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua
Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

UM CONTEXTO CERÂMICO E VÍTREO DA PRIMEIRA METADE DO SÉC. III D.C. DO PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL (LISBOA)

Raquel Guimarães¹, Rodrigo Banha da Silva²

RESUMO

Uma extensa escavação arqueológica municipal teve lugar nos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa), entre 1992 e 1993. O conhecimento actual do urbanismo romano de *Olisipo* situa esta área nas traseiras das *Thermae Cassiorum*, o grande edifício público para banhos da cidade, cuja construção os dados mais recentes remetem para o lapso Flávios-Trajano (SILVA, 2012). O local revelou uma sequência estratigráfica somente iniciada no período júlio-cláudio, equivalente a uma sucessão de depósitos detríticos urbanos, prática que ali se prolongou até à Antiguidade Tardia (SILVA e DE MAN, 2013).

Entre as unidades identificadas, o contexto «Q.15/Cam.20» revelou um extenso e diversificado conjunto de materiais vítreos e cerâmicos (*sigillata*, lucernas, terracota, ânforas, cerâmicas comuns, . . .), infelizmente muito fragmentado, onde se deverá destacar a presença de 103 fragmentos de *terra sigillata* clara africana, acompanhada por um único fundo hispânico oriundo de Andújar e um outro sudgálico. Os fabricos norte africanos A eram exclusivos, tendo sido identificadas as formas Hayes 9B, 14B, 16, e, maioritárias, as Hayes 14A e 27. A representatividade e morfologias remetem a formação deposicional para uma data dentro da primeira metade do séc. III d.C. O conjunto assoma, portanto, como um valioso contributo para a definição do perfil vítreo e cerâmico de Lisboa naquele período.

Palavras-chave: Lisboa, Arqueologia Urbana, Arqueologia Romana, Cerâmica Romana, Vidro Romano, Comércio Romano.

ABSTRACT

An vast urban excavation took place in 1992-1993 in the gardens of Penafiel Counts Palace, in the slope hill of Lisbon's St. Jorge's Castle. Present readings on roman town of *Olisipo*'s urbanism place the site behind *Thermae Cassiorum*, a monumental baths building built during Flavian-Trajan times, according to more recent investigation (Silva, 2012). The site itself revealed a strata sequence of successive depositional layers initiated during Julio-Claudian period, the result of urban garbage discard that lasted until Late Antiquity (SILVA e DE MAN, 2013).

Amongst the various S.U., context «Q.15/Cam.20», a shallow oval pit, displayed a numerous and diversified set of pottery (*sigillata*, oil lamps, terracota, amphorae, coarse wares. . .) and glass, unhappily very fragmentary. One has to emphasize the presence of 103 sherds of *sigillata*, from which only one south-gaulish and another south hispanic, from Andújar, the remaining being ARSW A only. North African fabrics correspond to forms Hayes 9B, 14 B, 14/17, with a largely prevalence of Hayes 14A and 27. Therefore, the context was likely formed in the first half of 3d century AD. For that reason, the set arises as a valuable contribution to the definition of Lisbon's glass and pottery *facies* in that period.

Keywords: Lisbon, Roman Archaeology, Roman Pottery, Roman Glass, Urban Archaeology, Roman Commerce.

1. FCSH – UNL; ras.guimaraes95@gmail.com

2. CHAM – FCSH – UNL e UAç e CAL – DPC – CML; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

1. PREÂMBULO

Em Lisboa, a transferência do Ministério das Obras Públicas das suas instalações do Terreiro do Paço para a zona da Colina do Castelo, processo que se iniciou em 1991, trouxe consequências para o património arqueológico da cidade, ao ter implicado a reformulação e/ou adaptação de um conjunto de imóveis situado entre as ruas de São Mamede ao Caldas, das Pedras Negras, a Travessa do Almada e a Calçada do Correio Velho.

Os trabalhos arqueológicos foram inicialmente despoletados pela detecção da afectação do subsolo provocada pela abertura de diversas sondagens geotécnicas em poço nos pisos térreos dos três edifícios contíguos confinantes pelo lado ocidental com a Travessa do Almada (DIOGO, 1991): neles se identificariam depois, entre 1991 e 1998, os vestígios densos de uma ocupação do espaço quase contínua entre o séc. XVIII e os meados do séc. I d.C. e, a partir do episódio se construiu uma estreita relação entre a extinta Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D.G.E.M.N.), que tinha a seu cargo a condução do projecto, e o extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa-CML (G.T.T.R.L.), responsável pelas escavações. Por esta razão, quando o vizinho quarteirão equivalente ao Palácio dos Condes de Penafiel iniciou os trabalhos preparatórios para a sua adaptação a sede do Ministério das Obras Públicas, a necessidade da construção de um piso de estacionamento subterrâneo no espaço do jardim, localizados no quadrante NE do conjunto, implicou a execução de uma escavação arqueológica preventiva, prévia, cometida pela D.G.E.M.N. ao G.T.T.R.L. com o consentimento do extinto Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural. Como aconteceria em todas as intervenções do organismo municipal, a direcção científica dos trabalhos foi da responsabilidade exclusiva de António Dias Diogo.

O local proporcionou uma mal conhecida riqueza informativa, muito condicionada hoje pela inacessibilidade dos registos descritivos e gráficos produzidos na escavação a expensas da Câmara Municipal de Lisboa. De facto, nos organismos públicos (DGPC e CAL-CML) se conservam somente os registos das indicações contextuais de proveniência, associados aos materiais (Figura 1).

2. ASPECTOS GENÉRICOS SOBRE A ESCAVAÇÃO DO PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL 1992-1993 E O SEU CONTEXTO «Q. 15/CAMADA 20»

A escavação dos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel decorreu entre Março de 1992 e Fevereiro de 1993 sob a forma de escavação preventiva, executada em exclusivo por meios manuais, tendo no final assumido a forma de “acompanhamento”, com o rebaixamento das áreas destinadas à implantação dos pilares feita já com recurso a meios mecânicos. A intervenção foi executada mediante a implantação de uma malha quariculada de 5 m x 5 m, ordenada numericamente “este-oeste” e “sul-norte”, a partir do vértice SE da superfície interna delimitada pelos muros de fachada do jardim. Deste modo se definiram 16 quadrículas totais ou parciais. Os trabalhos procuraram desmontar as camadas mediante os seus limites naturais, tendo-se procurado numerá-las sequencialmente na ordem inversa à da sua formação, no interior de cada quadrícula. Foram na altura produzidos os levantamentos gerais de planta, alçados pontuais de estruturas e perfis estratigráficos das quadrículas ou do interior de estruturas negativas (fossas e silos). Não fôra a dispensa da utilização de banquetas no processo, como a formulação de novas sequências de camadas nos quadrantes de quadrícula nomeados por letras na segunda fase dos trabalhos, desenvolvida já em 1993, e tratar-se-ia de um exemplo clássico da aplicação dos princípios metodológicos preconizados por Wheeler em 1957 (HARRIS, 1991).

Seguindo esta metodologia, um dos autores (RBS) escavou à época, na “Quadrícula 15”, uma estrutura negativa pouco profunda, com o formato de calote esférica, afectada pelo seu lado meridional pela implantação de um muro de Época Moderna. A dita estrutura encontrava-se preenchida pela “Camada 20”, unidade equivalente a um depósito castanho muito escuro, muito carbonatado e inçado de pequenos carvões, que revelou elevada quantidade de cerâmica muito fragmentária, alguns fragmentos de vidro, raros metais (ferro) e escassos restos faunísticos.

O contexto fora cerceado no topo por depósitos um pouco posteriores, de matriz arenosa e/ou argilosa, mostrando colorações variáveis na gama dos esverdeados e acinzentados. A fossa, por seu turno, cortou outros depósitos com aquela mesma matriz, mas de tonalidades predominantemente esverdeada-

das, assentes nas margas de base com a mesma cor (Figura 2).

Toda a área intervencionada mostrou, nas zonas onde a escavação atingiu os níveis geológicos (Q.s 3, 7, 9, 13, 14), a existência de uma pendente oblíqua de sentido “NE-SO”. Assentando sobre este substrato, as primeiras camadas antrópicas (depósitos) revelaram em associação *sigillata* itálica e sudgálica (SILVA, 2012), pelo que, em função dos conhecimentos actuais sobre os ritmos de importação desta categoria cerâmica em *Olisipo*, não deverão remontar a um período anterior a momentos avançados do principado de Tibério, pelo mais (SILVA, 2012).

Toda a área escavada, que perfazia cerca de 450 m², mostrou uma generalizada ausência de estruturas de Época Romana, à excepção de um “muro de contenção”, que se mantém preservado e visível *in loco*. Tanto quanto se pode induzir pelos escassos registos conservados, o local equivale a uma zona de acumulação de despejos detríticos urbanos, formados sucessivamente ao longo de um espaço de tempo alargado, como se viu antes, iniciado no séc. I d.C., e que tem o seu epílogo no século VI d.C., conforme já foi antes divulgado (SILVA e DE MAN, 2013). Este tipo de realidades do local constitui a continuação daquelas, entretanto publicadas por José Carlos Quaresma das Escadinhas de São Crispim (QUARESMA, no prelo), local fronteiro ao Palácio dos Condes de Penafiel para norte. Por esta razão entrevê-se a existência em Lisboa de uma zona da cidade romana com clara afinidade com outras áreas vastas destinadas aos despejos detríticos, conhecidas noutras cidades da Hispânia (REMOLLÁ e ACERO, 2011) (Figura 3).

3. O CONJUNTO CERÂMICO E VÍTREO DO CONTEXTO «Q.15/CAM.20» DO PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL

A amostragem global do contexto em estudo equivale a 328 (NMI), distribuídos por vidro (3,05% total), *sigillata* e “cerâmica africana de cozinha” (24,21%), lucernas e uma terracota (2,42%), ânforas (8,2%), equivalendo o remanescente a cerâmicas comuns (62,12%), das quais somente 0,91% são importações itálicas e uma emeritense

Na sua composição ficou evidenciada a predominância, expectável, da cerâmica comum e do material anfórico local/regional sobre as restantes classes cerâmicas e os vidros. Ainda assim assume significado o peso assumido pelas cerâmicas oriundas da

actual Tunísia (*sigillata* clara africana A, “cerâmica africana de cozinha” e ânforas), que assumem um significativo peso de 24,51 % do conjunto global, traduzindo quadros marco económicos bem conhecidos (QUARESMA, 2009).

3.1. Vidros (Figura 4)

O conjunto de vidros do contexto, homogéneo, equivale a 10 NMI, onde se contam dois fragmentos de vidraça de vidro translúcido ligeiramente tingido de verde claro, uma parede de garrafa no mesmo fabrico e fundos de dois outros distintos recipientes inclassificáveis, em vidro translúcido incolor, com algumas (poucas) bolhas de ar.

A morfologia mais representada é a AR98 1/I, que Beat Rütli situa entre o segundo quarto a meados do séc. II d.C. e o fim do séc. III d.C. (RÜTTI, 1991: 96), que conta com uma taça de perfil completo restituível, dois outros bordos e dois fundos (3NMI), em vidro incolor ou ligeiramente tingido de verde claro. Como classificáveis acompanham a forma mais representada um fundo de copa em vidro verde azulado translúcido tipo do AR.101, situável entre finais do séc. II d.C. e os meados do séc. III d.C. (Idem: 99), e um bordo em vidro transparente incolor do tipo Isings 42a=AR.80.I, de mais amplo espectro cronológico, de Nero/Flávios até ao séc. III d.C. (Idem: 85).

3.2. Terra Sigillata Clara Africana (Figura 4)

Relativamente à *terra sigillata* contamos com a esmagadora maioria das produções africanas do Norte da actual Tunísia. Todos os indivíduos pertencem ao fabrico A.

A forma mais antiga do conjunto é a Hayes 9B (1 NMI), cronologicamente situada entre os meados do século II d.C. e o primeiro quartel do século III (HAYES, 1972: 35). O tipo mais abundante é a Hayes 27, tipo de prato de bordo levemente invertido e fundo de pé baixo anelar, com a presença de 26 NMI neste contexto. A este segue-se a forma Hayes 14, com 20 NMI exumados (14A=13 NMI; 14B=2 NMI). De referir ainda a presença de 10 indivíduos de fundos com pé anelar, que poderão pertencer às formas Hayes 14 ou 16 e que, portanto, foram tratados como Hayes 14/16.

O grosso do conjunto apresenta cronologias compreendidas entre os meados/finais do século II d.C. até aos meados do século III d.C., pelo mais. Deste modo, e sendo as cronologias de produção da forma Hayes 27 de entre 160 d.C. e 220 d.C. (HAYES, 1972:

51), as da 14A e 16 de fim do séc. II d.C. e inícios do séc. III d.C. (BONIFAY, 2004: 159) e da 14 B com probabilidade da primeira metade do séc. III d.C. (Idem) A incidência das datas é, portanto, indicativa de se tratar de um contexto da primeira metade do séc. III d.C., com alta probabilidade ainda dentro do período Severo.

3.3. Cerâmica Africana de Cozinha (CAfC)

(Figura 5)

A CAfC faz-se representar através de 16 NMI. Nestes, a forma Hayes 197 é prevalente, com 6 indivíduos (NMI), estando presentes as formas Hayes 196, 195, esta nas variantes clássicas e tardia, Hayes 197 e 23B/Lamb.10A.

As características de fabrico da Hayes 197, mostrando pátinas cinzentas, ou com o bordo enegrecido (categoria C/A de BONIFAY, 2004: 221 e ss.), bem como morfologias de bordo com ranhura no topo nos 4 exemplares preservando esta porção da Hayes 197, em conjunto denunciam uma origem exclusiva na actual Tunísia setentrional e cronologias centradas nos finais do séc. II d.C. e no III d.C. (Idem: 225). O exemplar único da forma 23B/Lamb.9A inscreve-se neste mesmo âmbito de datas, muito embora os parâmetros cronológicos se alarguem para um lapso entre algures dentro da primeira metade do séc. II d.C. e o séc. IV d.C. Todavia, a pouca altura do lábio está mais conforme as tendências que Michel Bonifay documentou já para o segundo quarto-meios do séc. III d.C. (BONIFAY, 2004: 211).

A Hayes 196 está, também, bem representada, com a presença de 5 indivíduos (NMI) no contexto. Estas tampas estão usualmente associadas à forma Hayes 183, embora uma utilização em conjunto com o prato Hayes 23 não possa ser totalmente descartada (BONIFAY, 2004: 225). A variante A, caracterizada pelo espessamento do bordo, preponderante neste contexto, aparenta ser posterior cronologicamente à variante B (1 NMI), começando a ser produzida a partir do período severo (Idem).

A forma Hayes 195 está representada neste contexto por dois indivíduos, um da variante clássica e outro da variante tardia. A produção da primeira variante inicia-se ainda nos finais do séc. II d.C. e estende-se até aos inícios do século III d.C. (BONIFAY, 2004: 227).

3.4. Lucernas e terracota (Figura 4)

As lucernas deste contexto apresentam-se bastante

fragmentadas, não permitindo a sua inserção numa tipologia. Constatámos, no entanto, que estão documentadas de forma equilibrada as produções regionais e africanas (3 NMI cada) e um exemplar bético com afinidade com o grupo das lucernas “mineiras” Rio Tinto-Aljustrel (1 NMI).

Neste contexto se recolheu igualmente metade de uma cabeça feminina em terracota elaborada em pasta regional, objeto de publicação recente (SILVA, 2015), a que se acrescentam dois novos fragmentos, eventualmente correspondentes a zonas do torso do mesmo objecto.

3.5. Ânforas (Figura 5)

O conjunto anfórico classificável do Palácio dos Condes de Penafiel é composto por 58 NMI. Foi-nos possível ainda aferir a proveniência de 207 fragmentos de parede. Todos os indivíduos classificáveis, com excepção de dois fragmentos, estão genericamente inseridos no período entre os meados do séc. II e os do séc. IV d.C.

Destaca-se a forte presença das produções locais/regionais dos vales do Tejo/Sado, expectável, que perfazem 63%/NMI da amostra total. As elaborações béticas apresentam-se em menor número do que as lusitanas (34%/NMI), mas apesar disto assumem um valor bastante significativo em relação às restantes produções, africanas (3 NMI), gálicas (2 NMI) e itálicas (2 NMI), que apenas apresentam 1% do conjunto anfórico.

No universo lusitano deverá enfatizar-se a predominância da forma Lusitana 3, com 42 NMI, inserida cronologicamente entre o final século I d.C. e cerca de 225-250 d.C. (QUARESMA E RAPOSO, 2016). As restantes formas lusitanas distribuem-se entre as tipologias lusitanas Key 16 (1 NMI) e Dressel 14 (2 NMI), contando-se com a presença de um indivíduo inclassificável oriundo das olarias do Morraçal da Ajuda (Peniche).

Das importações extraprovinciais se documentaram envases para vinho (gaulês e mediterrânico central-Lipari ?), azeite (bético), pastas de peixe (Bética) e alúmen (?) (Mediterrâneo Central-Lipari), através das morfologias anfóricas Gauloise 4, Dressel 7-11, Dressel 20 e, com probabilidade, Richborough 527. A impossibilidade de classificar os três indivíduos africanos não autorizam a discriminação dos produtos respectivos neles contidos.

3.6. Cerâmica Comum

Foram inventariados 658 fragmentos de cerâmica comum, equivalentes a 203 NMI. Trata-se de um conjunto extenso, homogêneo, tratando-se sobretudo de peças utilizadas na confecção de alimentos, com especial destaque para os tachos, potes/panelas e caçarolas/pratos covos, que apresentam, na sua maioria, marcas de fogo no exterior.

3.6.1. Cerâmica Comum Itálica (Figura 5)

Atribuímos às elaborações itálicas, com reservas, um fragmento de bordo de “queimador” com decoração de bandas digitadas, que apresenta um revestimento de um engobe branco amarelado, patente noutros fabricos com aquela origem, tirrénicos.

Sem dúvidas encerram origem centro-itálica vários fragmentos do bordo e parede de um mesmo almo-fariz itálico integrável no tipo Dramont D2, que ostenta na pasta piroxenas de pequena e média dimensão, elemento que pode indicar tratar-se de produção campana. As cronologias associadas a este elemento são todavia mais recuadas, de até aos anos 60/70 do séc. II d.C. O perfil horizontalizado do bordo remete para os momentos finais da produção. Duas explicações assomam para esta presença: ou se trata de objecto a que foi prolongado o tempo de vida a uso ou, em alternativa, se deveria inscrever o elemento vascular entre os escassos indivíduos “residuais” no contexto do Palácio dos Condes de Penafiel.

3.6.2. Cerâmica Comum Emeritense

Entre o material colectado cota-se um fragmento do fundo, com pé, e arranque da copa de potinho/pucarinho em pasta branco-rosada, dura, e engobe externo alaranjado, aderente, que apresenta as características típicas das elaborações oleiras emeritenses, e que deste modo documenta a entidade dos fluxos da capital lusitana para o principal porto marítimo provincial.

3.6.3. Cerâmica comum local/regional (Figura 6)

Os recipientes mais abundantes são os potes/panelas, que receberam esta designação uma vez que, salvo algumas excepções, não nos foi possível distinguir as formas exclusivamente destinadas à confecção de alimentos das formas de armazenamento de vitualhas. Os potes/panelas do PPJ apresentam uma homogeneidade considerável do ponto de vista da sua morfologia, correspondendo na sua maioria a formas de bordo simples voltado para o exterior,

com o colo curto e pança ovóide/globular. Distinguimos os fundos destas formas entre reentrantes e não reentrantes.

Seguem-se os tachos, os *caccabus* latinos, recipientes normalmente fechados, embora possam existir peças abertas, com ou sem asas, com uma pança que pode ser esférica, ovóide ou carenada, a par de fundo plano ou convexo (SANTOS, 2011: 48). Geralmente é um recipiente proporcionalmente mais baixo do que a panela. Distinguimos duas variantes distintas no nosso contexto: A variante A abarca tachos de bordo, mais ou menos espesso, dobrado dobre o ombro, com pança tendencialmente ovóide ou arredondada. Esta forma encontra paralelos na Quinta do Rouxinol no tipo 2.1.7.2 (SANTOS, 2011: 78-79, Est. XX), no Alto da Cidreira (NOLEN, 1988: Est. XI, nº 83 e Est. V, nº 9), em Muge (SANTOS, 2011: 78), e em Beja com a forma VII-A-1 (PINTO, 2003: 316). O diâmetro do bordo varia entre os 14 cm e os 20 cm. A variante B apresenta o bordo voltado para o exterior, mais ou menos espessado, com a pança a apresentar usualmente um perfil ovóide. Distinguimos, à semelhança das panelas, os fundos desta forma em reentrantes e não reentrantes.

As caçarolas/pratos covos estão também bem representadas neste contexto. Mais uma vez, decidimos utilizar esta denominação de forma abrangente, com peças que se dividem funcionalmente entre o serviço de mesa, muitas vezes separados por outros autores em categorias distintas, e a preparação de alimentos ao lume. Distinguimos duas variantes: a A apresenta o bordo voltado para o interior, espessado, de parede recta, oblíqua ou levemente curvada e fundo plano. Esta forma aparenta ter paralelos com a forma de prato 1.1.3.4 da Quinta do Rouxinol (SANTOS, 2011: 57), que por sua vez apresenta paralelos com peças da *villa* romana do Alto da Cidreira (NOLEN, 1988: 155, Est. VIII, n.º 155), na olaria do Pinheiro (MAYET, SILVA, 2009: 88, nºs 22, 24 e 26) e na *villa* romana de São Cucufate, com a forma I-B-3 (PINTO, 2003: 184-186);

A variante B apresenta o bordo direito, por vezes algo voltado para o interior, mas não o suficiente para se integrar na forma A (ver paralelos). Dentro desta tipologia incluem-se dois indivíduos de produção regional, mas que apresentam uma pasta de melhor qualidade do que as restantes peças, que incluímos no grupo de imitação de cerâmica de cozinha africana e de *terra sigillata* clara, nomeadamente da forma Hayes 14 e Hayes 181, esta última com uma

banda cinzenta pintada no bordo, a imitar a pátina do protótipo africano (QUARESMA, 2012: 213).

Consideramos os potinhos como uma forma de mesa, utilizada também como recipiente para beber. A análise apenas macroscópica da pasta destas peças permitiu distinguir uma pasta caulínica, mas que apresenta elementos suficientes para a sua distinção em três subgrupos. Destacamos a presença de duas formas de potinhos: os potinhos de bordo contracurvado e asas verticais, e os potinhos de bordo virado para o exterior, com aba ligeiramente oblíqua e asas também verticais. A primeira variante apresenta paralelos na forma 2.4.3.2 da Quinta do Rouxinol (SANTOS, 2011: 285), enquanto a segunda parece corresponder ao tipo 2.3.9.1 também do Rouxinol (idem:186), presente de igual modo no Alto da Cidreira (NOLEN, 1988. Est. VIII, nº 40), e com paralelo na forma X-B de S. Cucufate (PINTO, 2003: 415-418).

O grupo caulínico A distingue-se por apresentar cor esbranquiçada, aproximando-se das tonalidades beges muito claras. É uma pasta dura e compacta, bastante depurada, com fractura nítida, textura granulosa com alguns vacúolos bem distribuídos. Apresenta poucos ENP's, distinguindo-se raros elementos férricos e quartzíticos, muito rara moscovite e cerâmica moída. Os exemplares deste grupo ostentam ainda uma superfície muito alisada a espátula, e engobe fino de coloração castanho alaranjado a avermelhado, cobrindo sobretudo ambas as superfícies do bordo.

O grupo B é, como já referido anteriormente, bastante semelhante ao grupo A, apresentando mais ENP's, nomeadamente moscovite. Os indivíduos do grupo B não aparentam ter a mesma intensidade de alisamento que o grupo anterior, e o engobe parece cobrir uma maior extensão das peças.

As mesmas morfologias dos vasos em pasta caulínica apresentam-se ainda num outro fabrico regional, de pasta castanho rosada.

Os jarros e bilhas não estão presentes em grande número no contexto. Dois dos exemplares não foram passíveis de serem classificados, uma vez que eram fundos e, portanto, não os conseguimos inserir numa tipologia. Dois outros correspondem a bilhas de bordo trilobado com asa de fita vertical, nervurada.

A cerâmica de armazenamento, nomeadamente os *dolia*, não se encontra bem representada, sendo que apenas foram assinalados 3 fragmentos de bojo, com pasta bastante grosseira. Ainda na cerâmica de ar-

mazenamento incluímos os potes de médias e grandes dimensões, entre os 16 e os 22 cm de diâmetro, que distinguimos dos potes/panelas sobretudo pela sua maior dimensão, que poderão ser interpretados também como *dolia*, uma vez que não se verificam quaisquer vestígios das peças terem ido ao lume. Destacamos um dos indivíduos, com um diâmetro de 22 cm, decorado com um cordão plástico no colo (PPJ/92/36856), que aparenta ser de uma forma relativamente pouco frequente, com paralelos na Quinta do Rouxinol na forma 2.2.4.2 (SANTOS, 2011: Est. XXIII), nas necrópoles do Alto Alentejo (NOLEN, 1985: Est. XLIX, n.º 506), encontrando-se igualmente em S. Cucufate (PINTO, 2003: 346-347). As bacias, multifuncionais, integram-se também nas cerâmicas denominadas de uso higiénico, para satisfação dos cuidados pessoais, de cosmética e lavagens em geral (SANTOS, 2011: 38). Possuímos duas variantes, obtidas a partir da distinção do bordo e da orientação da parede, sendo sempre de bordo em aba voltada para exterior. Uns apresentam bordos voltados para exterior com aba oblíqua, de parede recta, vertical ou oblíqua e perímetro elíptico, e encontram-se também representados nos contextos da Quinta do Rouxinol com o tipo 1.6.4.2 (SANTOS, 2011: 72, Est. XIII). Distinguimos a outra variante pela sua aba arredondada, circular, e bico vertedor. Todavia não discernimos ainda o seu tipo de parede, uma vez que o estado de conservação destas peças ainda não proporcionaram uma conclusão categórica a este respeito.

As tampas ou opérculos são peças de profundidade variável, com a finalidade de cobrir várias morfologias de recipientes, e assemelham-se, por vezes, a pratos. Dois exemplares não têm variante determinada, pois forem identificadas apenas pelas suas pegadeiras discóides. Identificaram-se duas variantes nos exemplares do PPJ: as tampas de bordo direito, ligeiramente boleado, e parede tendencialmente oblíqua, e aquelas também de bordo direito, mas com as paredes horizontais, semelhantes aos tipos 4.1.1 e 4.1.2 da Quinta do Rouxinol (SANTOS, 2011: 101-102. Est. XXXIX).

3.7. Materiais “residuais” (Figura 5)

Os índices de residualidade do contexto são, aparentemente, insignificantes. Se na categoria das “cerâmicas comuns”, ou até nas ânforas, o estado actual dos conhecimentos não autoriza maior discriminação cronológica, ao nível das cerâmicas “finas” a

questão torna-se muito clara: a título demonstrativo, entre 105 fragmentos de *sigillata*, somente dois equivalem a elementos inquestionavelmente remobilizados, no caso um fragmento de fundo de prato em fabrico do grupo de La Graufesenque, e um outro, de taça hispânica, oriunda de Andújar (0,6 %NMI total). Nas mesmas circunstâncias se encontra um fundo em cerâmica de paredes finas itálica da forma Mayet XXIV, tardo-republicana a tibéria (0,3 %NMI total), como uma asa de ânfora de uma Dr.7/11 oriunda do Guadalquivir, mencionada atrás (0,3 %NMI total) (Tabela 1).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto apresentado do Palácio dos Condes de Penafiel representa um contributo valioso para a definição dos *facies* cerâmicos e vítreos olisiponenses, vindo preencher uma lacuna específica no que se refere ao momento representado, a primeira metade do séc. III d.C.

Em relação a este último aspecto, parece demonstrada a elevada fiabilidade da amostra, quer pela sua expressão quantitativa, alta, quer pela homogeneidade demonstrada dos “elementos datantes” (em especial os vidros e as produções de *sigillata* clara e de cerâmica de cozinha), que aliás são sugestivos de um lapso de tempo mais limitado, do primeiro terço do século, o que equivale ao período da dinastia Severa. Os dados transmitem, portanto, uma confiança nas suas bases essenciais (datação e representatividade quantitativa), conferindo deste modo outro significado às inferências que se podem construir sobre o contexto do jardim Palácio dos Condes de Penafiel. Noutro sentido, porém, a investigação recente vem pondo de manifesto que os processos de formação dos contextos são um elemento fundamental da análise, e que no caso específico das cidades, lugares heterotópicos por excelência, são múltiplos os factores que condicionam estes processos, por consequência tornando-se fundações imprescindíveis da análise (PEÑA, 2007; REMOLÁ e ACERO, 2011). Ora, neste sentido, para o demonstrar basta contrastar os números obtidos para as ânforas (8,2%-NMI total) e para o conjunto da *sigillata* e “cerâmica africana de cozinha” (23,24%-NMI total) do contexto «PPJ.Q.15/C.20» com os da escavação do Banco de Portugal, de formação mais alongada no tempo e com outra inserção urbana, onde às centenas de fragmentos em *terra sigillata* e cerâmica africana de

cozinha se contrapõem os 2022 elementos inventariáveis de material anfórico (ROCHA *et al.*, 2013: 1012), para se perceber como o elemento é determinante numa cidade como Lisboa.

No caso presente, e a despeito da manifesta falta de elementos gráficos que o permitam melhor demonstrar, a abertura da estrutura negativa e a sua colmatação equivalem a um processo curto no tempo, leitura que a homogeneidade da composição da amostragem de cerâmicas e vidros vem reforçar.

Em conclusão, neste contexto da primeira metade do séc. III d.C., recorde-se que plausivelmente do período severo, fica patente a pluralidade das importações extra provinciais (Mediterrâneo Central, Gália, Bética e África), onde a actual Tunísia domina em exclusivo as cerâmicas de mesa forâneas, e o comércio oleícola bético se mantém ainda em níveis “aceitáveis”. O que sobressai no contexto do PPJ, contudo, é a vitalidade demonstrada pelas variadas elaborações oleiras regionais (cerâmica comum, lucernas, terracota e ânforas), onde o vinho regional envasado nas ânforas Lusitana 3 merece especial referência (40,7% NMI do total anfórico).

BIBLIOGRAFIA

- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramiques romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (col. *BAR International Series*, n.º 1301).
- DIOGO, António Manuel Dias (1991) – *Relatório Preliminar da Intervenção Arqueológica na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 (Lisboa)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (policopiado).
- HARRIS, Edward. (1991) – *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica (col. *Crítica Arqueológica*).
- HAYES, John W. (1972) – *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, John W. (1980) – *A supplement to late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- NOLEN, Jeanette (1985) – *A Cerâmica Comum das Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, Jeanette (1988) – “A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os materiais”, in *Conímbriga*, Vol. XXVII. Coimbra: pp. 61-140.
- PEÑA, J. Theodore (2007) – *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Oxford: orford University.
- PINTO, Inês Vaz (2003) – *A cerâmica comum das uillae romanas de São Cucufate*. Lisboa: Universidade Lusíada.

QUARESMA, José Carlos (1999) – “Terra Sigillata Africana, Hispânica, Foecense Tardia e Cerâmica Africana de Cozinha de Mirobriga (Santiago do Cacém)”, in *Conímbriga*, vol. XXXVIII. Coimbra: pp. 137-200.

QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia Antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga ?)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (col. *Estudos e Memórias*, n.º4).

QUARESMA, José Carlos; RAPOSO, Jorge. (2016) – Lusitanas 3. In *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*.

QUARESMA, José Carlos (no prelo) – “Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal)”, in *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard (Newcastle. 26-27th March 2014)*. Newcastle: Newcastle University.

REMOLÁ, Josep Anton; ACERO, Jesús (Eds.) (2011) – *La gestión de los Resíduos en Hispania. In memoriam Xavier Dupré Raventós*. Madrid/Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol. LX).

ROCHA, Artur Ferreira; REPRESAS, Jessica Levy; MIGUEZ, João Nuno; INOCÊNCIO, Joana Rosa Correia (2013) – “Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos”, *Arqueologia em Portugal 150 Anos*; Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.

RÜTTI, Beat (1991) – *Die römischen gläser von Augst und Kaiseraugst*, vol. II, *Katalog und Tafeln*. Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft (col. *Forschungen in Augst*, 13/2).

SANTOS, Cézer (2011) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia – Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras, Departamento de História.

SILVA, Rodrigo Banha da (2015) – *Duas terracotas femininas romanas do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)*. In: *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*, n.º5, pp. 1-6. Lisboa.

SILVA, Rodrigo Banha da; DE MAN, Adriaan (2012) – “Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon”, in *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Mértola e Silves: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 397-402.

SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia)*. Lisboa: FCSH/UNL (policopiada).

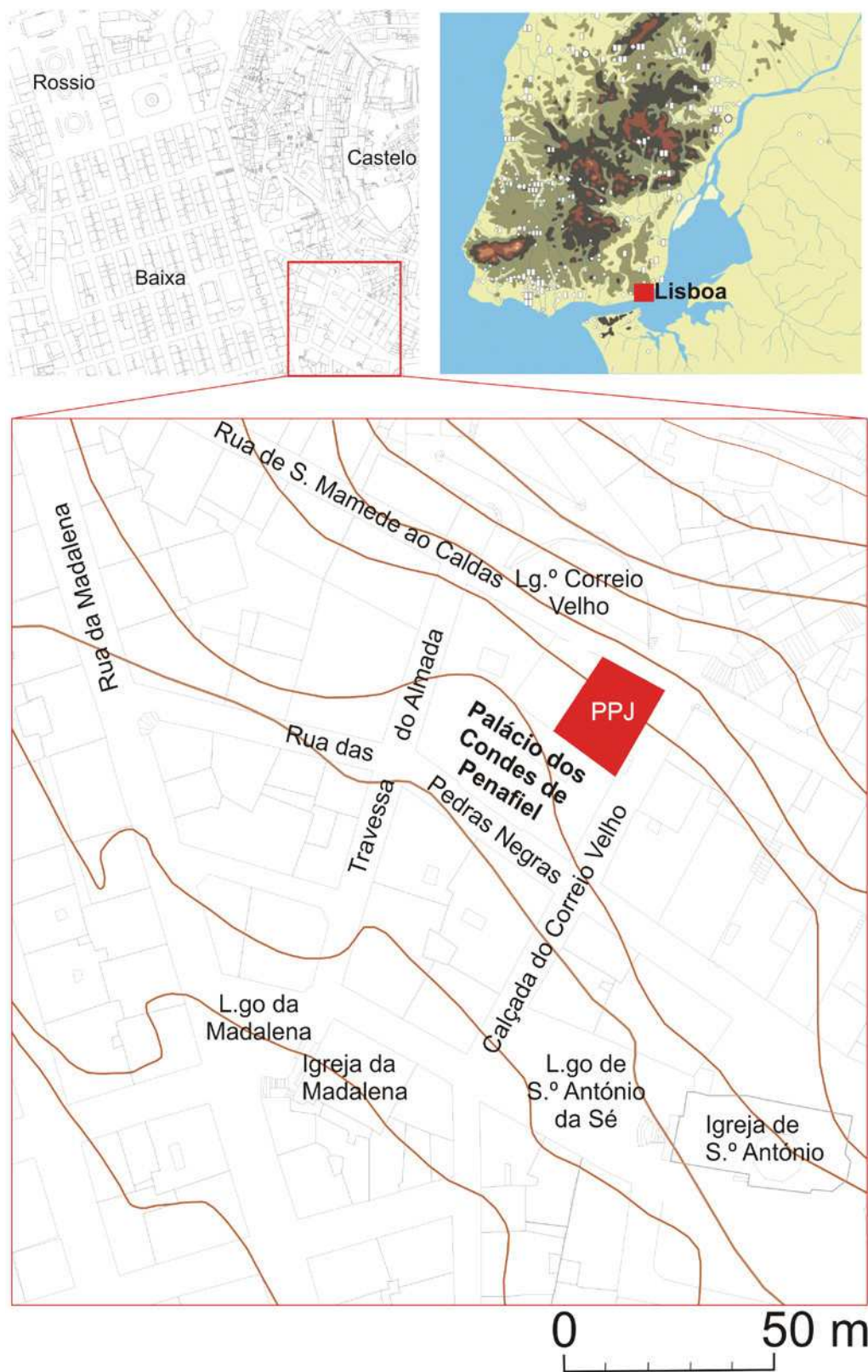


Figura 1 – Localização da escavação de 1992-1993 nos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel (Santa Maria Maior, Lisboa).

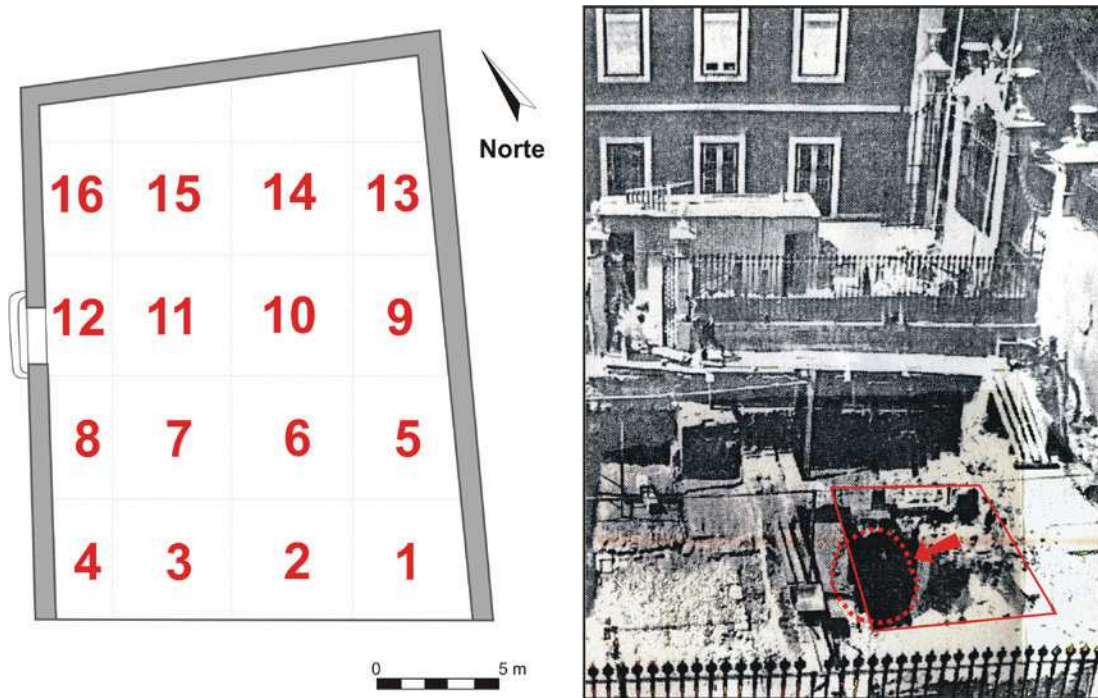


Figura 2 – Quadriculagem da intervenção em PPJ. A I.A.U. em Setembro de 1992 (segundo o jornal O Independente, de 04/09/1992). Vista tomada de este. Indica-se a localização aproximada da Quadrícula 15 e do contexto «Q.15/C.20».

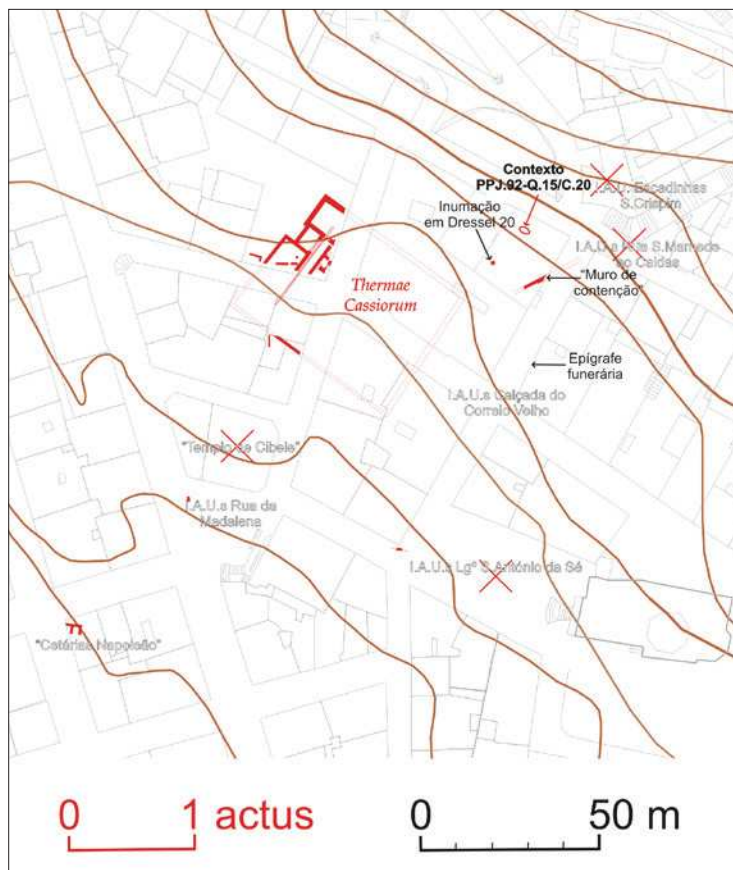


Figura 3 – Relação do contexto «PPJ-Q.15/C.20» com o conhecimento actual do urbanismo romano do entorno.

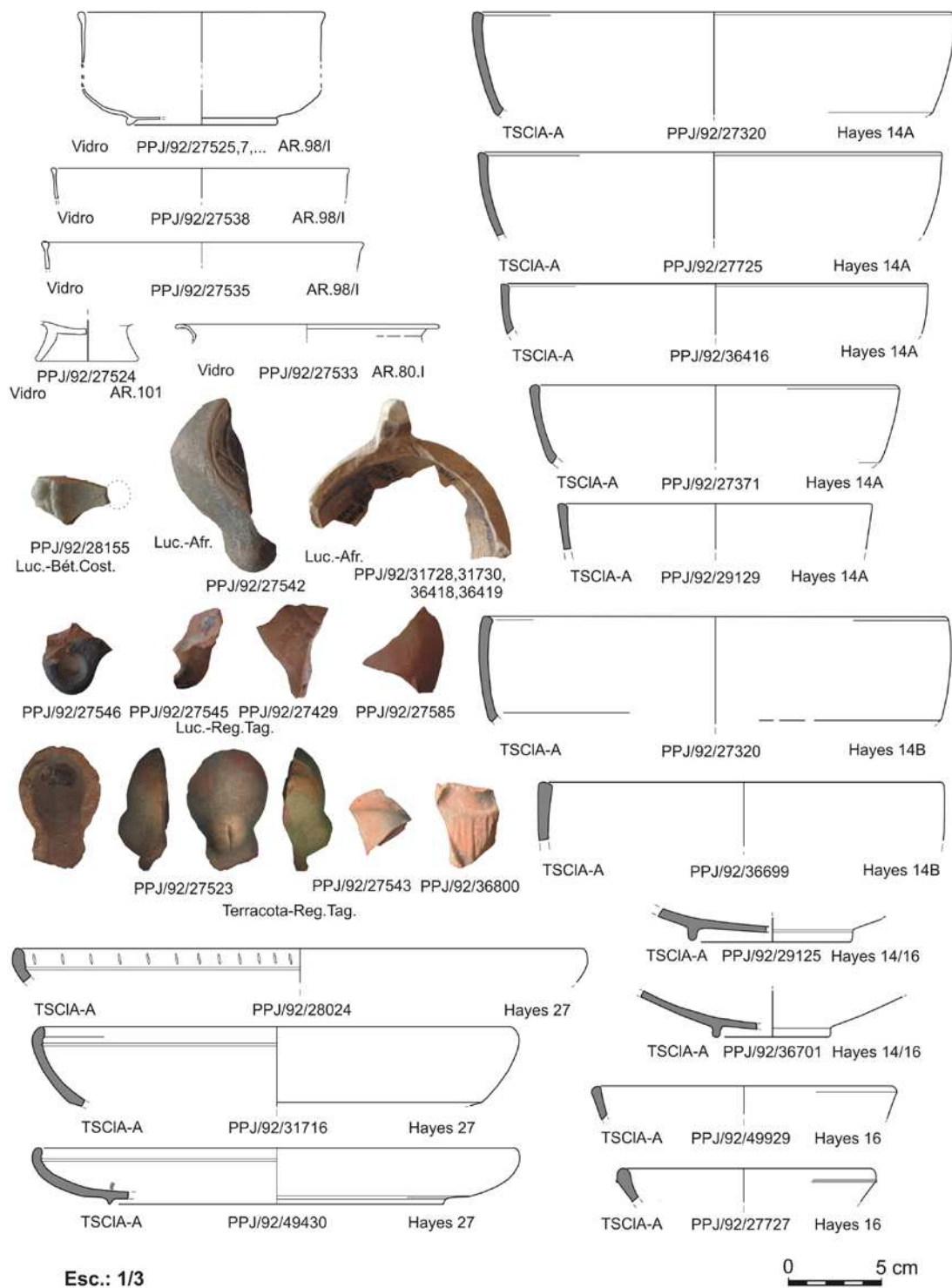


Figura 4 – Vidros, terra sigillata clara africana, lucernas e terracota do contexto «Q.15/cam.20» da I.A.U. nos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel.

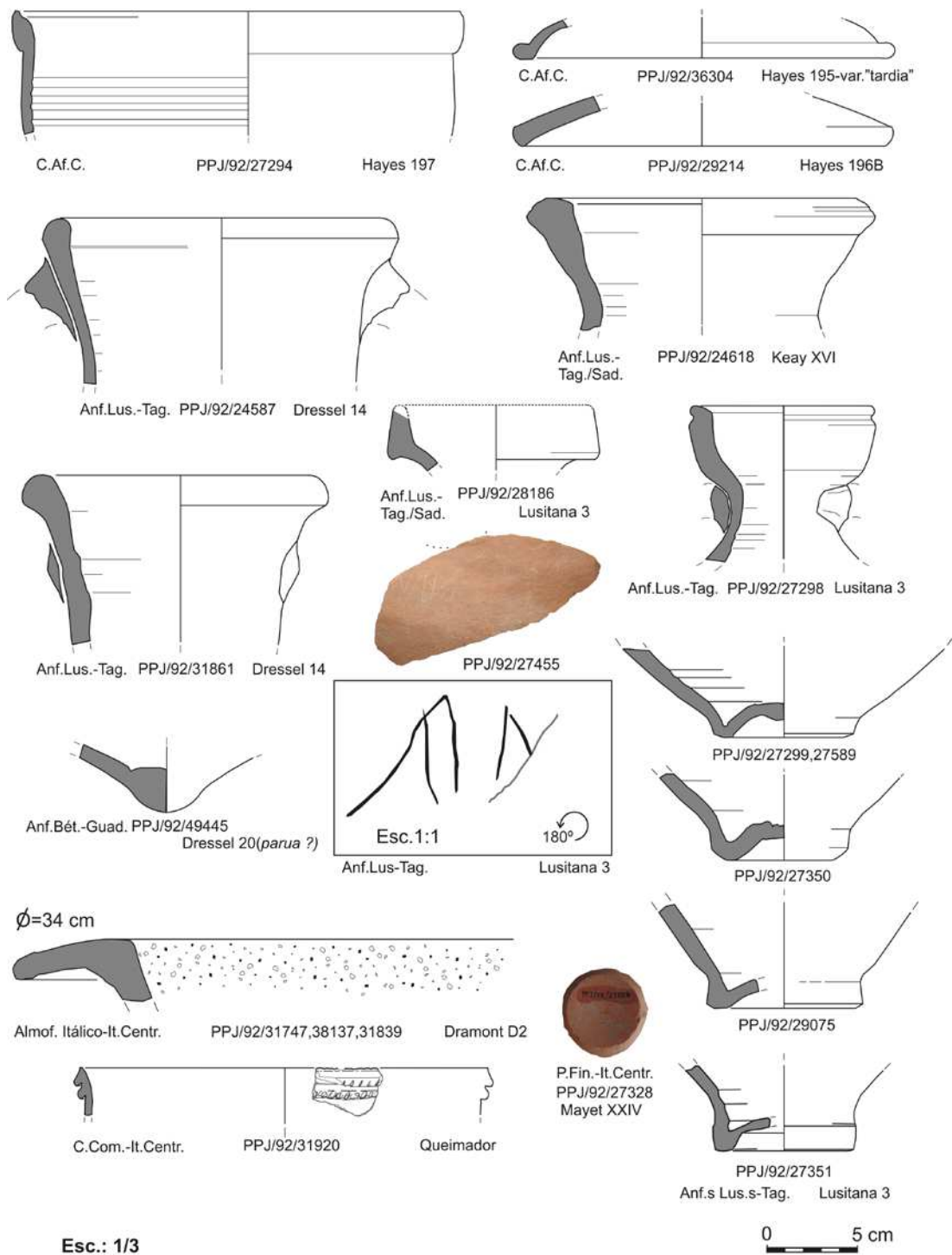


Figura 5 – Cerâmica africana de cozinha, ânforas e cerâmica itálica do contexto «Q.15/cam.20» da I.A.U. nos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel.

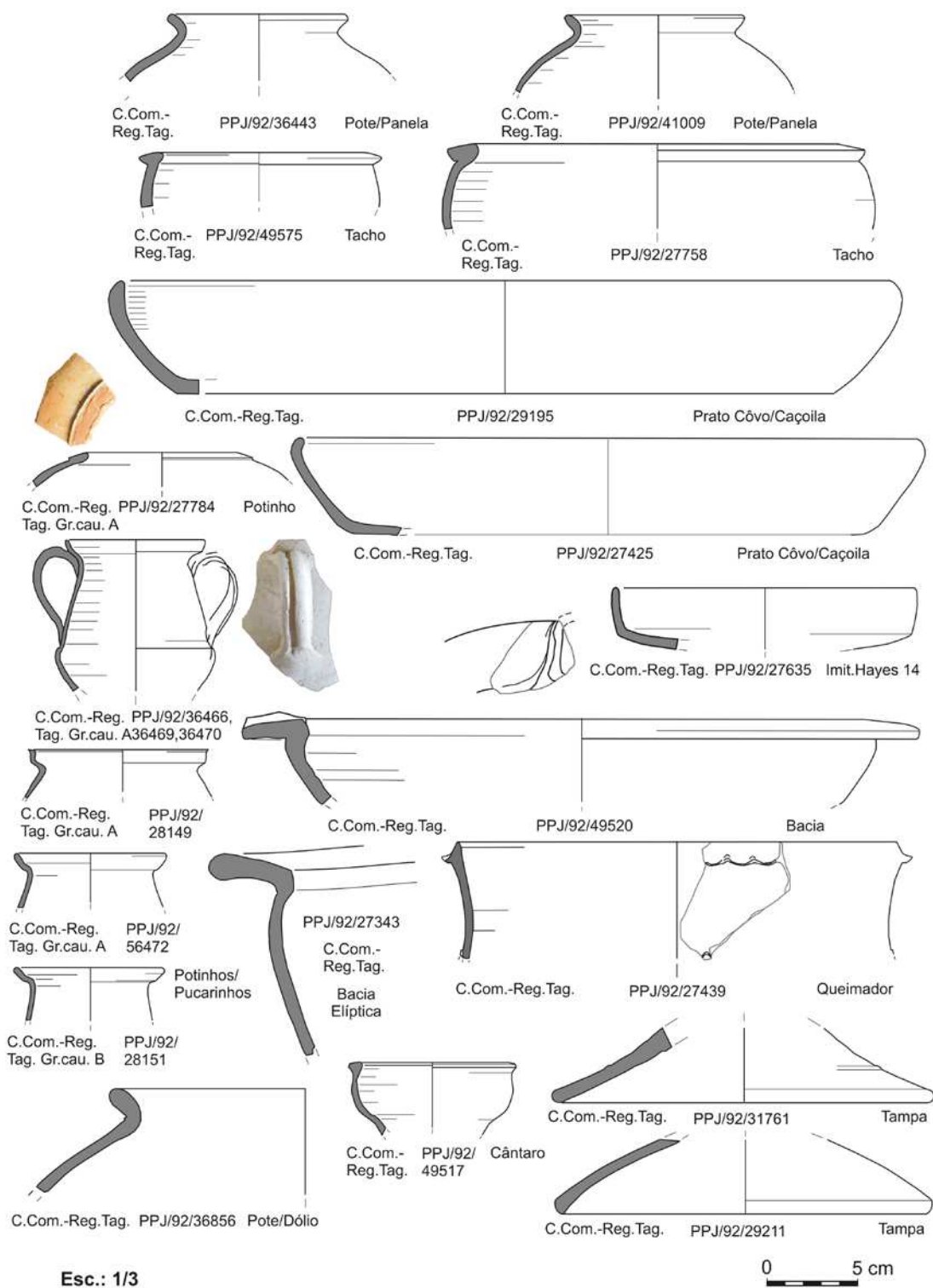


Figura 6 – Cerâmica comum regional tagana do contexto «Q.15/cam.20» da I.A.U. nos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel.

